

# TERRA BRASILIS: PROPOSTA DE UM POEMA-ENSAIO VIA INTERNET E ANTECEDENTES

*Antonio Miranda*

*Sempre evitei falar de mim,  
Falar-me. Quis falar de coisas.  
Mas na seleção dessas coisas  
Não haverá um falar de mim?*

**JOÃO CABRAL DE MELO NETO**

## RESUMEN

TERRA BRASILIS: PROPOSTA DE UN POEMA-ENSAYO VIA INTERNET Y ANTECEDENTES

*MIRANDA, Antonio – Universidade de Brasília.*

La presentación de la charla del poeta y escritor brasileño Antonio Miranda comprende tres breves partes: una Introducción en que diserta sobre la metapoesía de Brasil – trabajo que viene desarrollando paralelamente a la lectura de manifiestos y otras formas de discurso sobre la poesía brasileña. En seguida, hace un resumen de las etapas de su propia obra poética, a partir de su poemario *Tu país está feliz* (11 ediciones en español y portugués, la primera en Caracas, Venezuela, 1970, que dio lugar a la Fundación de Teatro Rajatabla); *Brasil Brasil*, *Canto Brasília*, *Perversos* y la última, *Retratos y poesía reunida* (2004), disertando sobre las características estilísticas y formales de su proceso creativo. La tercera parte está dedicada a la exposición del *Projecto Terra Brasilis*, libro de poemas compuesto de tres partes:

DE ORNATU MUNDI (sobre el espacio, la geografía y su ocupación y preservación),

DE REVOLUTIONE MUNDI (sobre el tiempo, las transformaciones históricas y sociales de Brasil) y

DE ANIMA MUNDI (sobre el alma, los valores culturales e idiosincrasias). Los textos de este poema-ensayo están siendo distribuidos por la Internet y el Autor establece discusiones, recibe críticas y aportaciones para la elaboración del texto final a ser publicado en 2006.

## 1 Introdução

É muito raro um poeta vir a um congresso falar de sua obra literária. Este é um espaço exclusivo do pesquisador, do crítico, do exegeta, do acadêmico que, aparelhado com suas metodologias científicas, suas teorias literárias, desvela o processo criativo, enquadra-o em categorias históricas e interpreta a temática e os recursos formais dos criadores.

Sou um seguidor apaixonado dos teóricos da literatura - Frederic Jameson, Alfredo Bosi, Umberto Eco, Octavio Paz, entre tantos - mas também gosto dos poetas que dissertaram sobre a poesia como Rilke, Pound, Maiakovsky. Nos últimos anos, venho

me dedicando a uma tarefa de mais longo alcance: à metapoesia, mais especificamente aos poemas sobre poesia escritos por Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Oswald de Andrade e tantos outros. Alguns são "didáticos", pedagógicos, dissertaram sobre a poética, outros resvalaram para a análise de sua poesia pessoal e há os que despistam, se divertem, fazem um jogo de metáforas poéticas sobre a poesia...

No primeiro caso temos os magníficos metapoemas de Carlos Drummond de Andrade, que são os mais conhecidos e cultivados no Brasil. Mas ele não se limitou à pedagogia do verso, alcança níveis ultraistas de exegese da própria poesia, de sua "luta" com as palavras, resgatando-as de seu "estado de dicionário". No segundo grupo está o monumental João Cabral de Melo Neto, um "engenheiro" do poema, buscando "concretudes" verbais, decompondo a sua "psicologia da composição", poemando poemas em quase todos os seus livros. João Cabral é o maior metapoeta do Brasil. O terceiro grupo - o dos dissimuladores - tem como seu melhor representante o telúrico Manoel de Barros, com sua "falsa" simplicidade. Ele cheira a alpiste e a terra molhada depois da chuva mas está longe de ser um naif da poesia!

Há um último grupo, que assina manifestos sobre a poesia – como é o caso, dentre tantos na história da poesia brasileira, dos participantes do movimento “Pau-Brasil” (1925), do nosso Modernismo; continuando com os Irmãos Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari à época do Concretismo (1956); culminando com o Ferreira Gullar (mas só à época do Neoconcretismo) e muitos outros autores ligados a tantos "ismos" em que a poesia vem sendo enquadrada historicamente em suas metamorfoses. Mesmo sendo a vanguarda o arcaico do futuro, não há como ignorar sua importância no desenvolvimento da poesia enquanto manifestação social.

Edgar Morin, o teórico do pensamento complexo, buscou nessa "tradição da renovação" (para dar-lhe um nome...), a vitalidade e permanência da poesia, sua retroalimentalidade sistêmica, sua continuidade. Podemos ir ainda mais longe, dizendo que toda poesia é radical justamente por hastear-se nessas raízes da renovação.

## 2 Uma trajetória pessoal

Estas especulações sobre a poesia eu as venho fazendo paralela ou internamente no meu próprio processo criativo. Por limitações de tempo, vou falar de minha poesia e dos meus projetos de criação literária no contexto brasileiro - que é rico e diversificado.

Estou há mais de 50 anos na obsessiva tentativa de produzir alguma poesia, enquanto continuo sendo um leitor de poetas e de tudo que contribua para a interpretação do mundo em que vivemos. E acredito na poiesofia (ou na poesofia): na poesia como registro e fonte do conhecimento. No momento estou colaborando num projeto de pós-doutoramento sobre o tema.

Creio ter alguma intimidade com a poesia, com a minha em particular. Passei por muitas fases e sofri muitas influências formais e ideológicas, mas creio que tenho algo próprio no que escrevo. Ou tenho esta pretensão. Vou com frequência à leitura de meus poemas como se fossem de outrem, afiliado que sou à Teoria do Conhecimento Objetivo de Karl Popper, no sentido de que a obra é externa ao seu autor, não é mais dele depois da

criação, é de todos. E o autor pode ter um distanciamento brechtiano para analisar a sua obra, com se fosse alheia.

Comecei sonetista romântico, parnasiano e depois modernista, sob a influência das leituras de poesia em minha infância e juventude. Meus primeiros versos escrevi-os a partir dos 9 anos de idade, umas quadrinhas que, lidas com a distância do tempo e do espaço, já revelavam uma certa inconformidade, alguma perversidade... Ainda não era poesia o que produzia naquela fase primeva, eram exercícios de emulação e tanteios expressivos, assenhoreamento do mundo. Depois entrei nos experimentalismos, com a descoberta dos surrealistas, dos dadaístas, dos concretistas e neoconcretistas: eu “fundei” o poegoespacialismo que o escritor argentino Manuel Mujica Láinez (\*1) achou ser de alguma validade e que, posteriormente, o crítico Roberto Pontual julgou ser bastante inventivo (\*2). Minha amizade com o autor do monumental romance *Bomarzo* é do início da década de 60 do século 20, quando vivi uma temporada em Buenos Aires (1962), oportunidade para expor os meus trabalhos e até mesmo publicar um artigo no reputado suplemento literário de *La Nación*.

Como todos os de minha geração, depois de 1968, na cauda do cometa marcuseano, fiz poesia de protesto mas nunca uma poesia engajada partidariamente, jamais ideologicamente enviesada. É a fase que culmina com *Tu País está Feliz*, obra que, como tudo o que persigo, é eclética, partindo do lírico, passando pelo sarcástico e com tons de tragédia. A obra foi considerada por alguns como permissiva demais para a moral estreita do início dos anos 70, mas acabou sendo um sucesso entre todas as idades e até entre adolescentes (passado o primeiro impacto, por causa de um desnudo coletivo, acabou sendo liberada para todas as idades!). Também foi tumultuada a estréia de *Calzoncillos con nubes o si prefieren SOS Colombia* (Teatro Popular de Bogotá, 1973), com ameaças de represálias pelos extremistas maoístas e pelos militares por causa do tom antimilitarista dos poemas, quando os intelectuais de direita acharam o texto “nada edificante”, enquanto os da esquerda reclamaram a falta de um final “revolucionário”. Não foram menos contundentes as reações da Igreja e da censura oficial com a estréia de *Jesucristo Astronauta, autosacramental sobre lo profano y lo divino*, na Venezuela e no México, conteúdo considerado “herético” e pernicioso. Minha amiga Elga Pérez-Laborde encontraria ali as origens de meu esperpentismo

Relendo os meus versos, considero-os bem-comportados, bem-humorados, mais formais que imorais, nada satânicos, mesmo quando eu pretenda sejam perversos...

Os grandes temas de minha poesia - perdoem a pretensão - permanecem inalterados, desde então: o corpo, o tempo, o amor transitório ou transcendente, o agnosticismo, os símbolos e as mazelas nacionais. Acho que escrevo e reescrevo os mesmos poemas, desde a juventude, para dizer as mesmas coisas, com o meu pessimismo ativo.

A propósito de "pessimismo ativo", foi meu amigo - e revisor de plantão - Raimundo Tadeu Corrêa que chamou a atenção para a minha ligação com os temas da contemporaneidade. Em certo sentido, creio estar na vertente de pensamento próxima a Walter Benjamin que, conforme o Dicionário de Filosofia, de Ferrater Mora, “*pensava numa utopia dentro da história. A utopia coincidia, a rigor, com a "origem". Esta não é um passado histórico, mas um momento presente eterno, um tempo de agora (Jetztzeit), que deve justificar e redimir todos os tempos e todas as injustiças. Isto distingue o "presente" de mera repetição mecânica em que se encontra imersa a cultura, e*

*especificamente a cultura artística, burguesa*". Só que o Filósofo do Círculo de Berlim (ainda) acreditava no materialismo histórico, naquele sentido utópico oposto ao historicismo.

Sempre quis exercer, mesmo que um pouco, o ideal da integração das artes, invocando formalismos das artes visuais, algum ritmo e dramatismo teatral, visando a exposição ou apresentação pública de minha obra.

Uma dessas permanências é o Brasil como matéria ideológica e plástica, como tema e como forma, pela linguagem, pela "visualização" imagético-semântica imposta pela percepção dos fenômenos. Entre o que se vê e o que se mostra no texto intermedeia uma formalização própria, consubstanciada e substantivada.

Em *Tu País está Feliz*, o tom era mais confessional, denunciatório, vivencial, numa comunicação direta com o público.

Em *Brasil, Brasis*, o foco é mais de crítica e escárnio, de reflexão e de desassossego com os valores nacionais, no momento da celebração dos 500 anos do "Descobrimento", espécie de revisão do processo histórico e do estado da nacionalidade.

*Canto Brasília*, em homenagem ao centenário de JK, também coloca o Brasil como cenário de utopias desenvolvimentistas e integracionistas dos que defenderam, nos últimos 200 anos, a construção da Nova Capital do país. A linguagem foi despojada e depurada aos seus elementos mínimos, numa arquitetura verbal "coisificante" – como diriam os concretistas -, ideogramática, essencial, minimalista do discurso poético.

*Perversos* é (um texto) mais abrangente, ditirâmico, hedonista, irado, verborrágico, iconoclasta, anárquico, versando sobre a existência e a sexualidade, assim também sobre as relações político-sociais adversas. O Brasil aparece mais difuso, atávico, conflitivo. (\*3)

As obras citadas levam à classificação propositiva de "livros-poemas" porque foram compostas como peças completas, embora complexas, através de unidades inter-relacionadas – cantos, exórdios, etc.

### 3 Projeto Terra Brasilis

Estou engajado num projeto de livro - o *Terra Brasilis* - há pouco mais de um ano, com muito entusiasmo, reforçado com o início de operação de minha página na *web* ([www.antonimiranda.com.br](http://www.antonimiranda.com.br)). Surgiu de uma seqüência de livros que vinha escrevendo sobre o Brasil, com propósitos e propostas diferenciadas. Em *Brasil Brasis* fiz uma revisão um tanto esperpêntica de nossos processos civilizatórios e de nossos valores; em *Canto Brasília* usei um esquema minimalista de linguagem. Com *Terra Brasilis* pretendo uma interpretação do Brasil baseado na vasta experiência que eu venho desenvolvendo com a leitura dos textos que vêm dos cronistas coloniais, dos visitantes estrangeiros, dos analistas brasileiros e estrangeiros. A leitura de um livro de centenas de páginas pode provocar uma ou duas ou três "citações" mas colabora na redação dos textos que eu tenho em mente compor.

O plano do livro compreende as seguintes partes:

1. DE ORNATU MUNDI - relativa ao nosso território, numa concepção copernicana do "paraíso", jardim terrenal ou seja lá o que for, ao ambiente em degradação, ao espaço comum que habitamos. O Brasil, - todos sabem - é quase um continente e a geografia não apenas une como divide o país. Não pretende nem de longe ser descritiva ou ufanista das belezas nacionais, ao contrário, intenta interpretar culturalmente a nossa ocupação territorial, com seus desafios e sacrifícios. Brasil é uma palavra tomada de uma árvore - o pau-brasil - mas a palavra vem do celta e o seu uso para referir-se à vermelhidão do produto que tingia tecidos vem desde tempos imemoriais e a Ilha Brazil já aparecia em mapas anteriores ao descobrimento...

2. DE REVOLUTIONE MUNDI - relativo ao tempo, à nossa transformação histórica de povos transladados para o Brasil desde períodos primitivos; não apenas os colonizadores europeus. Uma história enviesada, falseada, mitificada oficialmente e que precisa ser revista e entendida pela poesia – porque a poesia trabalha mais holisticamente seu discurso - e não apenas pelos historiadores e sociólogos.

3. DE ANIMA MUNDI - que tem a ver com a nossa alma coletiva, com os nossos valores de multiracialidade, com a nossa "unidade na diversidade".

Para a escritura de uma obra como a que se apresenta, foram necessárias duas abordagens de leitura do fenômeno da brasilidade.

A primeira, vasta e demorada, vem de livros e de toda sorte de registros que foram consumidos ao longo de mais de meio século. Frequentador de bibliotecas e museus, colecionador de objetos – livros, postais, discos, etc.- tive-os aos milhares, li-os às centenas e, na maturidade em que me encontro, volto a vê-los com outro olhar e a interpretá-los: poesia, estudos sociológicos, históricos, pinturas, peças museológicas, sítios na Internet, etc., etc. Antonio Vieira, L. Agassiz, João Francisco Lisboa, Castro Alves, Ruy Barbosa, Euclides da Cunha, Conde Affonso Celso, Sérgio Buarque de Holanda, Mário de Andrade, Mário da Silva Brito e tantos outros autores evocativos e interpretativos de nossas identidades nacionais e regionais. Tantas obras e tantos autores extraordinários que compõem uma amplíssima Brasiliana, um referencial do mais alto quilate para entender a nossa trajetória humana, a nossa alma coletiva, sem deixar de lado os mais recentes – Gilberto Freyre, Roberto da Matta, Pedro Braga e todos os demais, que permitem a compreensão de valores mais recentes na continuidade de um processo civilizatório.

A segunda experiência de nossa realidade vem de sucessivas e longas viagens por todo o Brasil, desde o dia em que minha família tomou “um Ita no Norte”, em São Luís do Maranhão, e veio pro Rio morar. Desde muito jovem, saí a andar pelo país: de trem, de caminhão, de barco, de ônibus e, nos últimos tempos, de carro e de avião. Por toda parte, por todos os estados e territórios (quando havia, incluindo Fernando de Noronha). Do Amapá ao Rio Grande do Sul, da Paraíba ao Acre, de São Paulo ao Pantanal.

Uma combinação de leituras e de viagens garantiu-me uma visão de Brasil que estimo válida para a aventura poética de meus próprios livros, em particular do projeto *Terra Brasilis*. É fantástico para um autor ver através de outros escritores. Andar pela caatinga

com as reminiscências do Graciliano Ramos e as imagens de *Vidas Secas* do Nelson Pereira dos Santos; ir a Salvador, depois de ler Jorge Amado e de ver a estréia do *Pagador de Promessa* do Dias Gomes e do Anselmo Duarte; de percorrer os pampas gaúchos depois de desfrutar dos textos do Érico Veríssimo ou de andar pelos sertões mineiros na companhia imaginária dos personagens do Guimarães Rosa ou, por último, dentre tantos exemplos, de andar pelas ruas antigas de Ouro Preto em seguida à releitura do *Romanceiro da Inconfidência* da extraordinária Cecília Meireles, dos versos de Alvarenga Peixoto e de Cláudio Manoel da Costa e, se não bastasse, de ler as memórias de Afonso Arinos de Melo Franco. Um verdadeiro privilégio. É ver com muitos olhos e observar com muitas inteligências.

Quando eu já estava com meia centena de poemas escritos, comecei a distribuí-los a amigos, a lê-los em diversos lugares e até a publicá-los. As reações foram controversas, mas sempre positivas. Parti então para a Internet, publicando os poemas em "fascículos" remetidos a grupos de pessoas - mais de 800 - que eu acreditava tinham interesse pela poesia e pelos temas expostos. Pedia opiniões, críticas, sugestões. As respostas vieram em grande quantidade, até em versos... Elogios, propostas de temas, perguntas, críticas a certos enfoques, e até na forma de ironias e ofensas... Um dos internautas ficou muito irritado, achando que só há espaço para a poesia lírica, que esse negócio de poesia social ou política é discurso e não poesia, que no tipo de poema que eu estou praticando não passa nem bafo de poesia... É assim mesmo. Críticas sempre são bem-vindas, constituem desafios ao criador para não ficar isolado nos elogios mais fáceis.

Em certa medida, proponho uma "obra aberta" no sentido dado por Umberto Eco, com "um convite a fazer a obra com o autor". Nesse sentido, o autor "*não sabe exatamente de que maneira a obra poderá ser levada a termo, mas sabe que a obra levada a termo será, sempre e apesar de tudo, a sua obra, não outra, e que ao terminar o diálogo interpretativo, ter-se-á concretizado uma forma que é a sua forma*", "(...) pois ele, substancialmente, havia proposto algumas possibilidades já racionalmente organizadas, orientadas e dotadas de exigência orgânica de desenvolvimento." (ECO,1969:62) (\*4)

Na fase final do projeto, é possível que eu siga a sugestão de um amigo, professor da área de Letras, para formar um grupo de discussão via *web*, visando fechar os pontos mais críticos e polêmicos de meu trabalho. Tomara que eu consiga. Ele sugeriu trabalhar com professores e alunos de todo o país, por adesão a um chamado específico, e estou estudando a idéia.

Não importa que medidas eu venha a tomar no final do projeto, o que vem acontecendo até aqui tem sido de uma validade extraordinária para o meu trabalho, um tremendo estímulo criador. É fantástico ver que os poemas saem navegando e, horas depois, estão em centenas de lugares, que são repassados, e chegam os comentários que reorientam o processo criador. Uma experiência nova em minha carreira. Até onde for possível levar esta experiência avante, nos próximos 10 ou 12 meses, eu a prosseguirei, na tentativa de chegar a algum resultado que me convença de ter atingido algo válido. Tomara. Aposto, no momento, todas as minhas energias e todo o meu empenho no projeto.

Finalmente, devo confessar que estou muito honrado de participar de um encontro internacional de indiscutível qualidade e de trazer e expor as minhas idéias e os meus livros mais recentes. E de rever este país maravilhoso que é o Chile.

Muito obrigado pela oportunidade!

## NOTAS

\*1 A carta de Mujica Láinez sobre tais experimentos saiu no prefácio das várias edições de Tu País está Feliz. Uma segunda referência do autor de Misteriosa Buenos Aires está na resenha crítica que Helena Sassone fez de meu anticonto La Fuga, publicado no jornal literário Imagen, Caracas, reproduzido na íntegra em minha página:

<http://www.antoniomiranda.com.br/Obras/obrascomentarios/sobrelafuga.htm>

\*2 O crítico de arte Roberto Pontual publicou um longo estudo sobre a poesia visual e o Livro Livre na revista Vozes, comentando os meus experimentos de forma muito positiva:

<http://www.antoniomiranda.com.br/LivrosPDF/comentarios/vatemago.pdf>

\*3 Elga Pérez-Laborde escreveu umas instigantes “Reflexões paratextuais” que serviram de posfácio para o livro Perversos (Brasília, Thesaurus, 2003):

<http://www.antoniomiranda.com.br/Obras/obrascomentarios/elgaperversos.htm>

\*4 ECO, Umberto. Lector in fabula; a cooperação interpretativa nos textos narrativos. São Paulo: Perspectiva, 1979.